



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM METODOLOGIAS
INTERDISCIPLINARES E
INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

RAIMUNDO JACKSON NOGUEIRA DA SILVA

**RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO: PRECONCEITO RACIAL - OLHARES DOS
ESTUDANTES DA ESCOLA JOSÉ BERNARDO UCHÔA DO MUNICÍPIO DE
CANINDÉ - CE**

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2021

RAIMUNDO JACKSON NOGUEIRA DA SILVA

RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO: PRECONCEITO RACIAL - OLHARES DOS
ESTUDANTES DA ESCOLA JOSÉ BERNARDO UCHÔA DO MUNICÍPIO DE
CANINDÉ - CE

Relatório de intervenção apresentada ao Curso de Especialização Lato Sensu em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Orientadora: Me. Cristiane Soares Gonçalves

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus pelo dom da vida, me proporcionando saúde, mansidão, discernimento, sabedoria e acima de tudo paciência diante dos obstáculos surgido ao longo deste trabalho.

A minha família, por estar sempre ao meu lado e me motivarem a cada passo conquistado e acima de tudo acreditar no meu potencial.

A professora Me. Cristiane Gonçalves pela partilha de conhecimento e por exercer essa função bastante maestria.

Agradecer os/as professoras/es do curso de especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio pela partilha de conhecimento, pelos ensinamentos para a vida. Sou grato e honrado pelos/as professoras/es que tive, pelos ensinamentos que colhi e pela certeza da contribuição árdua desses profissionais em minha formação.

Agradeço também a Escola José Bernardo Uchôa, bem como todos os educadores envolvidos nessa pesquisa, pois sem elas esse trabalho não teria dado certo e juntos trabalhamos arduamente para mudar a vidas de muitos jovens através da educação.

“Amar e mudar as coisas”
(Belchior)

RESUMO

O processo de descolonização de ideias e práticas como ação contra o racismo social é tenso e conflitante. A educação talvez seja o espaço onde essa tensão é mais evidente. A escola é um ambiente plural e espaço de disputas, principalmente nas questões sociais e culturais. Apesar de ser um espaço de emancipação, nesse ambiente se encontra algumas violências, dentre elas o racismo. O projeto de intervenção tem por objetivo investigar os olhares da turma de 9º ano em relação ao preconceito racial, na Escola José Bernardo Uchôa, localizada no município de Canindé – CE. O projeto de intervenção encontra-se em andamento, porém, foi possível constatar que os estudantes já presenciaram as práticas de racismo, mas nada fizeram para impedir. Com isso, é necessário concluir o projeto de intervenção pedagógica, para que possam estimular os estudantes sobre as práticas de racismo existente, seus impactos na vida das pessoas e principalmente não silenciar sobre essa violência.

Palavras Chave: Racismo; Descolonização; Violência.

ABSTRACT

The process of decolonizing ideas and practices as an action against social racism is tense and conflicting. Education is perhaps the space where this tension is most evident. The school is a plural environment and space for disputes, mainly on social and cultural issues. Despite being a space of emancipation, in this environment there is some violence, among them racism. The intervention project aims to investigate the views of the 9th grade class in relation to racial prejudice, at the José Bernardo Uchôa School, located in the municipality of Canindé - CE. The intervention project is in progress, however, it was possible to verify that the students had already witnessed the practices of racism, but they did nothing to prevent it. With this, it is necessary to complete the pedagogical intervention project, so that they can stimulate students about the existing practices of racism, their impacts on people's lives and especially not silence about this violence.

Keywords: Racism; Decolonization; Violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DESENVOLVIMENTO	11
2.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.2 PESQUISA E PANDEMIA	15
2.3 DA CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA: DADOS DO PERFIL DA ESCOLA E DIFICULDADES	17
2.4 METODOLOGIA	18
2.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
3 RESULTADOS ESPERADOS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

.

INTRODUÇÃO

O processo de descolonização de ideias e práticas como ação contra o racismo social é tenso e conflitante. A educação talvez seja o espaço onde essa tensão é mais evidente. Obliterações históricas e epistemológicas existem nos currículos, propostas e práticas educativas tanto no ensino fundamental quanto no superior, e essas obliterações só podem ser superadas pela compreensão do campo da educação e da produção científica como espaços que necessitam de descolonização.

Combater e superar o racismo parece um bom conselho para colocar a descolonização em ação na sociedade e na educação, desde que as mulheres negras, os negros e os movimentos negros não sejam ignorados e suprimidos - suas lutas, memórias, propostas políticas alternativas -, como principais assunto que nos reeduca no processo, ainda temos muito a aprender.

A descolonização das ideias nos impele a construir pedagogias e práticas epistemológicas antirracistas. Inclui assumir uma postura libertadora diante de nós mesmos e dos outros e desconstruir a lógica racista que existe em nossa socialização e nos processos de formação em nossa vida privada e pública.

Combater o racismo é essencial se quisermos construir um futuro em que a humanidade valorize a diversidade, a diferença e o sempre crescente – do outro.

A negligência e o silêncio e as “brincadeiras” do sistema e da comunidade escolar são formas encobertas de racismo branco de longa data, efetivamente inculcando nas crianças negras as marcas da violência que as inferiorizam.

As crianças são expostas a experiências de exclusão e humilhação dessa forma, e os professores que deveriam trabalhar o preconceito e o racismo de forma esclarecida, calam-se, exoneram-se e culpam as famílias.

Para quebrar esse "ciclo", os professores precisam reconhecer o preconceito, a violência e o bullying nas escolas e valorizar ativamente as crianças negras no cotidiano das escolas, mas para isso, eles precisam identificar como as ideologias são estruturadas para quebrar, não perpetuar formas de dominação social e cultural.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que os conceitos que ajudaram a sustentar o racismo foram ensinados de forma consistente e sistemática nas escolas ao longo dos anos. A ausência de textos racistas e professores representando minorias atesta a superioridade de grupos supostamente hegemônicos.

Diante da importância de se debater e combater o racismo na escola, esse projeto de intervenção tem por objetivo investigar os olhares da turma de 9º ano em relação ao preconceito racial, na Escola José Bernardo Uchôa, localizada no município de Canindé – CE. Este projeto se baseou nos autores Araújo (2015), Silva (2019), Bittencourt (2019), Silva (2020) e entre outros.

Nessa perspectiva, compreendendo que a escola é um ambiente plural e um espaço de disputa, por meio de oficina, direcionada pela sistematização de uma entrevista, será possível realizar intervenção que promova o debate sobre o racismo no ambiente escola e conhecer práticas de combate dessa violência.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Ao abordar sobre o preconceito racial se faz necessário aprofundar e conhecer o aspecto histórico dos negros no Brasil, haja visto que uma leitura e escrita sobre essa temática, perpassa profundamente sobre os negros que vieram da África e seu regime de escravidão que durou mais de três séculos.

Com a chegada dos Portugueses no Brasil e a necessidade de exploração das terras e dos recursos naturais, iniciou-se em meados do século XVI a escravidão dos negros. Estes foram trazidos em navios negreiros, em condições subumanas, e alguns morreram antes de chegar ao seu destino e foram lançados ao mar. Os sobreviventes foram vendidos como mercadorias, sendo atribuídos “valores” de acordo com a sua capacidade e “disposição” de trabalho.

Com a expansão da cana-de-açúcar no Brasil, os negros foram obrigados a trabalhar no campo, as condições de trabalho eram precárias e desumanas, a alimentação era regulamentada e qualquer distração era motivo

de chicotadas. Eles eram presos em senzalas à noite e, quando tentavam fugir, eram parados e punidos.

Esse regime escravocrata que além de punir os negros severamente, os retirou e fez romper laços afetivos e culturais do seu povo nativo. Porém, muitas tradições permaneceram, ainda de que forma resistente e suscita. A exemplo disso são as comidas tradicionais, traços religiosos, danças e outros. Essa resistência pela vida e pela sua identidade, fez com que os negros tentassem fugir e os que conseguiam, se amparavam em quilombos, que eram locais estratégicos e seguros, principalmente livres. Melo (2018), fez uma abordagem sobre esse aspecto, destacando que:

A população negra foi obrigada a abandonar suas tradições e costumes, até mesmo, foram proibidos de viver e praticar a própria religião, por essas razões se revoltaram. Desde então se organizaram para fugir em grandes grupos, foi a partir daí que surgiram os quilombos, que são considerados, os locais de refúgio dos escravos (MELO, 2018, p. 16).

O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, sendo esta finalizada somente em 1888, com 300 anos do início da sua prática. Ao verificar essa análise superficialmente, podemos identificar que historicamente a escravidão foi recente e que deixou grandes sequelas ao povo negro, que além da falta de trabalho, das péssimas condições de sobrevivência, tem de se deparar com o preconceito, que existe até os dias atuais.

Apesar de que muitos propagam que a discriminação racial não existe, isso não passa de mais um negacionismo, pois a prática de discriminação, principalmente pela cor, está em diversos locais como ambiente de trabalho, nas escolas, nas mensagens subliminares dos produtos capitalistas e entre outras. Grande parte dos brasileiros continuam e desenvolvem seus pensamentos e atitudes preconceituosas, pois está enraizado em seu cotidiano, replicado ao longo do tempo, existe e é problemático, em diferentes contextos e em diferentes situações. O preconceito existe, seja ele explícito ou implícito.

Para Gomes (2005, p. 54):

O preconceito racial é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou religião de pessoas que ocupam outro papel significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestam. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior

ponderação ou conhecimentos dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro (GOMES, 2005, p.54).

Entre os diversos espaços que ocorre o racismo, podemos citar o ambiente escolar, que tem causado diversos prejuízos aos estudantes, vítimas dessas ações. Um dos problemas mais graves é a perda da auto estima, que interfere diretamente na questão psicológica, bem como o abono escolar, visto que o estudante perde o interesse pela escola, pois para ele, ela tornou-se um lugar de opressão e tortura.

Diante desse desafio, é importante salientar que as escolas precisam combater o racismo por meio de práticas pedagógicas que valorizem e reconheçam a cultura afro-brasileira no processo de formação continuada. Sua função social é a base para a socialização do conhecimento, promovendo uma cultura de respeito à diversidade racial e étnica a fim de combater o preconceito racial em nossa sociedade, principalmente nas escolas. É preciso educar o respeito à diversidade e, principalmente, reconhecer a construção da nossa identidade como povo.

De acordo com Silva (2007, p. 43):

Educar para uma sociedade pluriétnica compreende fomentar práticas sociais voltadas para convivência plena dos cidadãos; incentivar programas de inclusão socioeducacional; desenvolver políticas de reparação, por meio de ações afirmativas diversas; valorizar o patrimônio histórico-cultural das etnias marginalizadas; enfim, implementar ações que, superando os preconceitos historicamente forjados e as discriminações tradicionalmente toleradas, resgatem a autoestima, o universo simbólico, a cidadania e a identidade racial das comunidades que compõem a sociedade brasileira, particularmente os afrodescendentes (SILVA, 2007, p. 43).

Para garantir e ampliar o debate sobre a cultura afrodescendente na escola, permitindo que seja valorizado os saberes e a vivência do povo negro, foi criada a lei nº 10.639, que alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, com finalidade de incorporar estudos sobre a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os níveis da escolaridade brasileira.

Essa lei permitiu que as escolas passassem a abordar temáticas relacionadas a história dos negros no Brasil, reconhecendo suas origens, culturas, costumes e as contribuições que estes povos deram e dão ao nosso país. A lei também trouxe o dia 20 de novembro como dia nacional da

consciência negra, que é trabalho fortemente nas escolas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma (BRASIL, 2004, p.11):

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas, indígenas e europeias.

[...] Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação [...] implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, e não sejam desencorajados de prosseguir nos estudos, de estudar questões que respeitem à comunidade negra

Algumas escolas não se adaptaram ao problema, principalmente porque alguns professores não estão preparados para enfrentá-lo. É importante formar professores sobre o assunto em sala de aula para que a lei não só fique no papel, mas se torne concreta.

O estudo das matrizes africanas não deve ser apenas conhecido e valorizado nas escolas, para compensar o sofrimento que lhes é causado, mas sobretudo, para reconhecer o seu papel na formação histórica e cultural da nossa identidade e a sua importância e respeito pela África. Dessa forma, a educação pode transformar a realidade do sujeito por meio de práticas educativas que reconheçam e respeitem a diferença, preparem-se para viver com a diferença, respeitem a diversidade e despertem novas consciências e atenuem o preconceito racial.

Segundo Verçosa (2012, p.42):

As escolas precisam proporcionar momentos de discussão e aprendizado que envolvam professores, alunos e toda a comunidade escolar e, dessa forma, expandam o conhecimento sobre a história negra, suas contribuições para a evolução humana e principalmente para obter mais informações – sobre os africanos, com informações detalhadas sobre os povos afrodescendentes e relações construídas entre outros povos (VERÇOSA, 2012, p. 42).

Neste momento, isso tem que ser abordado nas escolas e sensibilizar os professores sobre a história dos negros e suas lutas para que se possa combater o preconceito que existe nos ambientes escolares, fazendo com que todos sejam respeitados pelo que trazem à sua natureza humana. Não pela cor

da pele, tipo de cabelo ou outros atributos étnicos raciais. Fundamentalmente, a escola cumpre o papel de transformar os indivíduos, e para isso é preciso compreender que a educação se baseia no respeito, na tolerância e no conhecimento para combater o preconceito racial.

Nessa perspectiva, ao abordar essa temática na escola, é necessário percorrer pelo caminho da interculturalidade e interdisciplinaridade. Em relação a interculturalidade, Stumpf (2019) destaca que:

A interculturalidade é um aspecto de grande importância para a escola diferenciada, na forma de um diálogo de saberes, com base na valorização simétrica e complementaridade entre conhecimentos, que contribua efetivamente para a aprendizagem de elementos de diferentes culturas, tendo em vista o alcance do duplo objetivo dessa instituição, de valorização da identidade e qualificação para a relação com a sociedade ocidental (STUMPF, 2019, p. 330).

Atrelado a esse raciocínio, Silvia (2019, p.03) escreve que a:

[...] interdisciplinaridade é a inter-relação entre as disciplinas, que trabalham de maneira conjunta, e não existe supervalorização de nenhuma, a relação existente entre elas é a de auxiliar no desenvolvimento de ambas com um único propósito, o avanço dos alunos.

Nessa perspectiva, a abordagem deve ser interdisciplinar e intercultural, haja visto que permite aprofundamento e apropriação com qualidade da temática, fazendo com que os sujeitos possam compreender pela essência do estudo e não somente pela superficialidade. Sem esse aprofundamento, é impossível promover a criticidade do educando, precisamente no contexto histórico, político e social que concerne aos negros.

Possibilita a desenvolver as habilidades/competências dos estudantes, bem como “o ajudará em ser mais crítico em relação à multiplicidade de culturas existentes, reconhecendo que os diferentes aspectos socioculturais são influentes e acabam por afetar o modo como as pessoas vivem dentro de sua comunidade” (ARAÚJO; FIGUEIREDO, 2015, p.70).

2.2 PESQUISA E PANDEMIA

Devido ao cenário da pandemia do COVID-19 iniciada em 2021 e que continua nos dias atuais, mesmo com o surgimento da vacina e redução de caso,

ainda não foi possível o retorno totalmente presencial e seguro, principalmente das atividades escolares.

Visando garantir a segurança sanitária e o andamento dos setores econômicos, culturais e educacionais, surgiram diversas medidas e tecnologias que pudessem garantir à população uma sensibilidade de maior segurança.

O curso de especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, demandou como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, um Projeto de Intervenção Pedagógica. Diante da realidade sanitária evidenciada no Brasil e no mundo, não foi possível a conclusão do projeto de intervenção, ficando o mesmo em fase de projeto em andamento.

A pandemia de COVID-19 revelou outro aspecto da educação exigindo diferentes estratégias para atingir seus objetivos, incluindo crenças pessoais, uma visão de mundo amplamente moldada por fatores históricos, culturais e sociais que determinarão as escolhas individuais.

Nesse sentido, foi imposto o isolamento social como forma de frear ou diminuir a propagação do vírus, fazendo com que escolas e outros comércio realizassem atendimentos de forma remota. Couto (2020), afirma que:

A OMS, diversos governos e instituições indicaram o distanciamento e o isolamento social como estratégias, já historicamente conhecidas, para sobrevivermos à Pandemia e desafogar os sistemas públicos e privados de saúde e funerários, que em muitos países passaram a funcionando no limite ou já em colapso. Já foram muitas as pandemias e os períodos de isolamento social que as pessoas de diferentes épocas viveram. Mas a quarentena global que temos agora, em decorrência da Covid-19, é inédita (COUTO, 2020, p. 2006).

Reforçando essa discussão, Ferreira (2019), destaca:

As escolas e instituições de ensino também tiveram que entrar nessas novas normas, sendo que por algum tempo as aulas foram paralisadas e, posteriormente a isso, sob orientações da Unesco, as atividades escolares e docentes começaram se estabelecer de modo remoto, as quais foram atreladas as Tecnologias de Informação, as plataformas virtuais e/ou mecanismos digitais que possibilitam um ensino à distância (FERREIRA, 2021, p. 94).

Dessa forma, professores e alunos que originalmente frequentavam aulas presenciais migraram para atividades educacionais em rede. Profissionais de educação conectados produzem e distribuem conteúdo, monitoram, treinam, avaliam e motivam seus alunos. Muitos repensaram e recriaram abordagens

proativas mais envolventes e desenvolvendo ambientes digitais mais fáceis de usar com maior interação.

A pandemia de Covid-19 escancarou as desigualdades sociais em todos os lugares, especialmente no Brasil. Com metade da população trabalhando informalmente e vivendo em favelas, o fechamento de negócios e o início do isolamento social resultaram na perda de renda e meios de subsistência para essas pessoas. Sem demora, a vulnerabilidade social e econômica de cerca de 100 milhões de pessoas tornou-se alarmante. Em desespero, essas pessoas não conseguem seguir as orientações de distanciamento social.

A desigualdade social também vem com a exclusão digital. O acesso à Internet no país continua desigual. No Brasil, quase metade da população não tem acesso à Internet, ou o acesso é limitado e instável. As desigualdades no acesso e uso da Internet em muitas áreas urbanas e rurais externas exacerbam as disparidades caracterizadas pela vulnerabilidade social.

2.3 DA CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA: DADOS DO PERFIL DA ESCOLA E DIFICULDADES

A Escola José Bernardo Uchôa está localizada na zona rural do município de Canindé – CE, precisamente 50 km de distância da sede do município. A unidade de ensino oferta matrículas do berçário até o 9º ano do ensino fundamental.

O espaço escolar é amplo e diversificado, possuindo 03 banheiros (um deles acessível), 01 cantina, 01 refeitório, 01 pátio, 06 salas de aulas, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 01 sala da secretaria e 01 sala do núcleo gestor e 01 depósito de material de limpeza e expediente.

Nos seus recursos humanos, a unidade possui 11 professores, 01 diretora, 01 coordenador pedagógico, 01 secretário escolar, 04 auxiliares de limpeza, 03 merendeiras, 01 cuidadora, 01 auxiliar de apoio de sala. No quadro do magistério, 90% dos professores são especialistas e 10% possuem o título de mestre.

Segundo o Censo Escolar 2021, a escola possuía 240 alunos, sendo estes divididos nas turmas de educação infantil (52), anos iniciais (73), anos finais (82) e educação de jovens e adultos (33).

A escola possui diversos programas do governo federal como Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE Básico para aquisição de material permanente e expediente, PDDE Emergencial para aquisição de material para prevenção contra a COVID 19, PDDE Educação Conectada para aquisição de equipamentos de informática e instalação de internet. Porém, a unidade de ensino sofre com alguns problemas como a falta de abastecimento de água, não possui sala de Atendimento Educacional Especializada – AEE, Sala de Informática para os estudantes, bem como pouco materiais didáticos como jogos e entre outros. Apesar de que a unidade de ensino se encontra em reforma, seu mobiliário é precário, não atendendo a demanda da comunidade escolar. Outro fator preocupante é a obra de construção da quadra que está abandonada há 7 anos.

Apesar das dificuldades encontradas na Escola, foi possível detectar a união da equipe nas ações pedagógicas, realizando semanalmente o planejamento e construindo coletivamente o desenvolvimento educacional dos estudantes.

2.4 METODOLOGIA

A pesquisa em questão possui natureza qualitativa, haja visto que buscou aprofundar a concepção dos estudantes sobre o preconceito racial por meio de um projeto de intervenção pedagógico. Apesar de que alguns dados são apontados de forma quantitativa, a sua leitura percorre o caminho qualitativo

Como foi salientado, a metodologia deste trabalho está atrelada a uma análise sistemática do referencial teórico e estudo de caso. No que consiste a pesquisa bibliográfica, compreende-se que é uma etapa de suma importância, uma vez que a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.21).

Bocato (2006, p. 266) corrobora com esse pensamento ao afirmar que:

[...] a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado

na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

A pesquisa bibliográfica é a base de toda pesquisa, pois permite uma investigação profunda para auxiliar em pesquisas de determinados problemas.

A segunda etapa consiste na realização de um estudo de caso, que segundo Clemente Júnior (2012):

[...] estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo no seu contexto de vida real, mesmo que os limites entre o fenômeno estudado e o contexto não estejam claramente definidos (CLEMENTE JÚNIOR, 2012, p.03).

Dessa forma, o presente trabalho teve como local de pesquisa a Escola de Ensino Fundamental José Bernardo Uchoa, localizada no Distrito Vazante do Curu, município de Canindé – CE. A turma em investigação foi a turma do 9º ano do Ensino Fundamental, que possui 19 educandos, sendo que 10 participaram da primeira etapa do Projeto de Intervenção Pedagógica.

O projeto de intervenção pedagógica tem como:

Objetivar geral:

Sensibilizar sobre a importância do combate do racismo no ambiente escolar;

Objetivos específicos:

Promover o debate sobre o preconceito racial no ambiente escolar;

Conscientizar os educandos sobre os impactos negativos na vida de pessoas vítimas de racismo;

O projeto de intervenção pedagógica está em fase de andamento, porém possui uma carga horária total de 16 horas, sendo distribuída nas seguintes ações:

AÇÃO	CARGA HORÁRIA	MÉTODO / RECURSOS	REALIZAÇÃO
Estudo sobre a temática do preconceito racial e práticas de violência no ambiente escolar	4 h/a	Pesquisa em sites sobre a temática por meio da plataforma google acadêmico.	Realizado em 11 de outubro de 2021

Visita ao ambiente escolar para discutir com núcleo gestor e professores sobre o Projeto de intervenção pedagógica	2 h/a	Diálogo com educadores e núcleo gestor, sendo definido nessa data que a turma a ser realizado a intervenção seria de 9º ano.	Realizado em 26 de outubro de 2021.
Questionário com estudantes	4 h/a	Aplicação de questionário com os educandos do 9º ano por meio do questionário google forms.	Realizado em 6 de dezembro de 2021
Oficina: Preconceito na minha escola, não!	6 h/a	Realizar oficina com objetivo de debater sobre o racismo no ambiente escolar e os impactos dessa prática nas vítimas dessa violência. Promover um ambiente acolher, de respeito a diversidade cultural e étnico racial.	A ser realizado

2.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aplicado no dia 6 de dezembro de 2021 contou com a participação voluntária de 10 estudantes de um total de 16 alunos da turma, o que representa 62,5% de participação. Entre os dez estudantes que aceitaram

participar e responder o questionário, 60% são do sexo feminino e 40% do sexo masculino.

A faixa de idade dos entrevistados variam de 14 a 16 anos, sendo 60% concentrado na idade de 15 anos. No quesito racial, 70% se consideram pardos, 10% negros e 20% brancos. No que consiste sobre a renda familiar, considerando o salário mínimo em vigor no ano de 2021, o valor de R\$ 1.100,00 (um mil em cem reais), 40% das famílias dos adolescentes sobrevivem com a renda inferior a meio salário mínimo. Outros 40% das famílias estão sobrevivendo entre meio salário mínimo a um salário mínimo completo. Somente 20% recebem de um salário e meio acima.

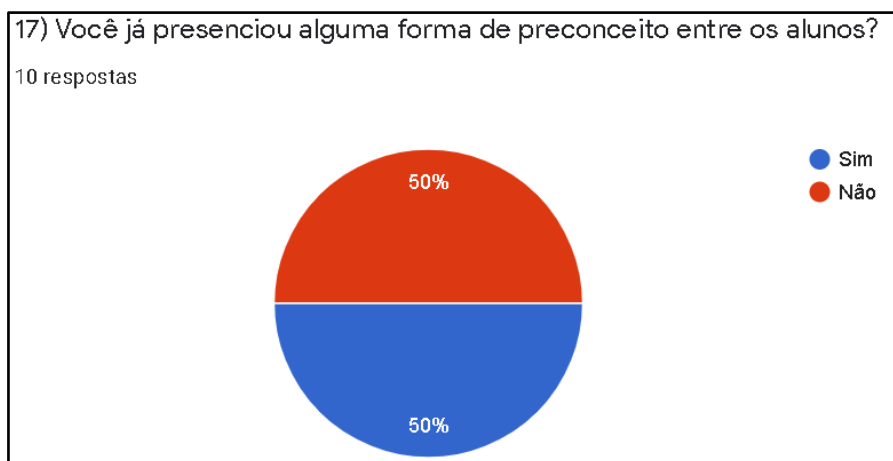
A renda dessas famílias são 30% provenientes de Programas Sociais como Bolsa Familiar (atual Renda Brasil) e aposentadoria, 30% da agricultura familiar, 20% de serviços públicos e 20% declararam ser de outras rendas. Entre as profissões citadas estão de agricultor/a, pedreiro, vigia, merendeira, agente de saúde e “dona de casa”. Já na parte religiosa, 80% são católicos e 20% evangélicos.

Compreender o perfil dos entrevistados é fundamental para adentrar nas discussões. De acordo com os dados, podemos apontar que 80% são negros e pardos, 80% das famílias sobrevivem com até um salário mínimo, e boa parte dessa renda vem de programas sociais e agricultura familiar. Economicamente falando, podemos concluir que trata de famílias negras e pobres da zona rural.

Em termos acadêmico, 50% dos pais não concluíram o ensino fundamental, 30% já concluíram o ensino fundamental, 10% concluíram o ensino médio e 10% possuem nível superior. Já os estudantes, 30% reprovaram em algum ano do percurso escolar, sendo que 10% reprovou por duas vezes. 10% dos entrevistados já abandonaram os estudos.

Não coube este estudo aprofundar os motivos que levaram os estudantes a desistirem ou reprovar durante o ano escolar, mas, podemos associar a vulnerabilidade social como um dos fatores para a evasão e repetência escolar.

Sobre a temática do preconceito, ao ser questionado se “havia presenciado alguma prática de preconceito entre os alunos”, conforme o gráfico 01, 50% afirmaram que “sim” e outros 50% afirmaram que “não”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

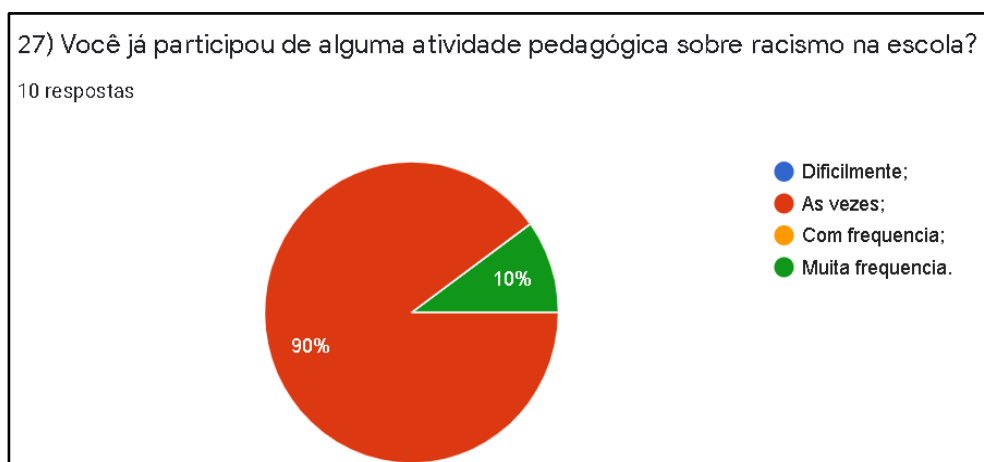
Esses dados reforçam o que Bittencourt (2019) apontou sobre a violência e educação “Estudos sobre a questão racial e a educação são importantes, pois a escola é uma instituição desafiada constantemente por práticas que produzem e reproduzem os conflitos sociais, evidenciando preconceitos, dominação, alienação, intolerâncias e racismos”. Nesse sentido, apesar de que a escola seja um espaço plural e diversos, de estimulação ao protagonismo, aos “projetos de vida”, ela também é palco de diversas questões sociais de gênero, etnias e culturais.

Ao aprofundar o preconceito para o racismo, 40% dos estudantes disseram que já presenciaram isso na escola, 10% apontaram que a prática do racismo partiu do professor. Essa questão é grave, pois a prática do preconceito deve ser combatida no ambiente escolar, e que o professor é a primeira “referência” para os estudantes na escola. Ao realizar a prática preconceituosa, além de ser crime, o professor coloca em xeque sua postura profissional, deixando de lado conceitos e princípios acadêmicos e sociais. Essa prática torna a escola um lugar de opressão.

Ao ser indagado sobre a postura do estudante em relação ao preconceito, a maioria respondeu: “Nada”, “Nada, somente baixei a cabeça”, “Conversei”, “Fiquei em silêncio”. Com essas respostas, podemos identificar o quanto esses estudantes são passíveis diante da prática do racismo. Essa passividade se dar por diversos motivos, o primeiro seria pela “naturalização” da prática do preconceito e o segundo seria pela falta de “conhecimento” do tema.

Sobre ações pedagógicas na escola sobre o racismo, 90% afirmam que somente “as vezes” são realizadas atividades com essa temática e 10% afirmam que as atividades são realizadas com muita frequência.

Gráfico 02. Participação em atividades pedagógicas na escola sobre o racismo



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Conforme apresentado acima, esse resultado se dá pelo fato da temática ser abordada principalmente no mês de outubro, mês da consciência negra. É necessário que não somente essa escola, mas todas as escolas possam compreender que o combate ao racismo deve ser realizado todos os dias e que os conteúdos dos componentes curriculares devem ser trabalhados de forma interdisciplinar. Silva (2020), reforça que “Hoje, mais do que nunca, há uma necessidade de contextualização, integração e interação entre os conhecimentos, a qual é intrínseca ao processo de aprendizado humano e, dessa forma, as práticas interdisciplinares se posicionam como um recurso favorável para os professores”. E continua destacando que:

A escola é um *locus* que deve refletir as mudanças ocorridas na sociedade e, por isso, o uso de metodologias monodisciplinares já não corresponde às exigências sociais. A velocidade de acesso à informação e renovação tecnológica também fazem com que a educação encontre novos rumos e desafios. Nesse sentido, a interdisciplinaridade pode ser pensada no contexto das práticas da Educação Básica, visando atender às novas exigências sociais, bem como favorecer a formação dos estudantes para atuarem de forma crítica e reflexiva no mundo contemporâneo (SILVA, 2020, p. 67).

Ao serem questionado sobre a importância de debater o racismo na escola, 80% consideram a temática muito importante e 20% consideram importante. Ao confrontarmos esse resultado com o gráfico 02, podemos concluir que os estudantes anseiam pelo aprofundamento da temática no ambiente escolar, haja visto que somente “as vezes” que é realizada alguma ação pedagógica na escola. Ao considerar a temática muito importante, os estudantes permitem conhecer o tema, as legislações e as práticas de combate ao racismo. É somente compreendendo o assunto que será possível promover mudanças em posturas de violência e racistas, bem como intervir em casos que vivências.

3. RESULTADOS ESPERADOS

Com o questionário aplicado, foi possível constatar que os estudantes já presenciaram as práticas de racismo, mas nada fizeram para impedir. Com isso, é necessário concluir o projeto de intervenção pedagógica, para que possam estimular os estudantes sobre as práticas de racismo existente, seus impactos na vida das pessoas e principalmente não silenciar sobre essa violência.

Outro fator importante é que os estudantes consideram a temática importante, mas que é somente as vezes que o tema é trabalhado de forma pedagógica. A realização da oficina propiciará o aprofundamento na temática, o conhecimento das legislações pertinentes e mudanças de posturas no ambiente escolar.

Este trabalho está em fase de andamento, fazendo necessário a conclusão para que se possa realizar outra entrevista e confrontar os dados, principalmente a postura dos estudantes diante a prática do racismo, haja visto que a grande maioria ficou inerte durante a violência.

A escola é um espaço plural, diversos e que deve trabalhar constantemente a temática, principalmente de forma interdisciplinar, buscando metodologias e didáticas que possam mediar o processo de ensino aprendizagem satisfatório aos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marco André Franco de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Cultura, interculturalidade e sala de aula de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. *REVELLI: revista de educação, linguagem e literatura*, Inhumas, v. 7, n. 1, p. 63-76, jun. 2015. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/19526>. Acesso em 10 de jul. 2022
- BITTENCOURT, C. A. DE C. Reflexões sobre a face obscura do preconceito e violência na escola. **Devir Educação**, v. 3, n. 1, p. 127-139, 20 maio 2019.
- COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #FIQUEEMCASA: Educação na pandemia da COVID-19. **EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 200–217, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD, 2005.
- MELO, Glaucileide Nunes. **Preconceito racial na escola: A perspectiva docente em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Pedras de Fogo – PB**. Monografia (graduação) – UFPB. João Pessoa, 2018, 43f.
- SILVA, Ana Célia da, A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD, 2005.
- SILVA, M. DE F. G. DA; SANTANA, I. M. DE. Interdisciplinaridade nas práticas docentes de professoras da educação básica. **Imagens da Educação**, v. 10, n. 2, p. 65-79,. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/51145> . Acesso em 10 de maio de 2022
- STUMPF, Beatriz Osorio. Reflexões sobre interdisciplinaridade, interculturalidade e interinstitucionalidade em processo formativo de professores indígenas. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 19, n. 38, p. 319-340, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/583/490>. Acesso em: 10 de janeiro 2022.
- VERÇOSA, Alzenite de Araújo. **Racismo na escola: o silêncio fala mais alto**. Ouro Preto, 2012. Disponível em:< <http://www.amde.ufop.br/tccs/Xapuri/Xapuri%20-%20Alzenite%20Vercosa.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro 2022.